



VERUS  
EDITORA

UM **SECO**  
NA  
**ESCURIDÃO**

A MARCA DO LEÃO ♦ LIVRO 2

FRANCINE  
RIVERS

SÉRIE COM MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

**Também de Francine Rivers**

AMOR DE REDENÇÃO

A ESPERANÇA DE UMA MÃE

O SONHO DE UMA FILHA

A PONTE DE HAVEN

UMA VOZ AO VENTO – SÉRIE A MARCA DO LEÃO, LIVRO 1

UM *E*CO  
NA  
*E*SCURIDÃO  
A MARCA DO LEÃO • LIVRO 2  
FRANCINE  
RIVERS

**Tradução**

Sandra Martha Dolinsky

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2019



VERUS  
EDITORA

# Star Books Digital

<https://t.me/SBDLivros>  
<https://t.me/StarBooksDigital>

**Editora Raïssa Castro**  
**Coordenadora editorial Ana Paula Gomes**  
**Copidesque Maria Lúcia A. Maier Revisão**  
**Cleide Salme**

**Capa**  
Adaptação da original (© Ron Kaufmann)  
**Ilustração da capa** © Robert Papp, 2008  
**Projeto gráfico André S. Tavares da Silva**  
**Diagramação Juliana Brandt**

## **Título original**

*An Echo in the Darkness Mark of the Lion, book II* ISBN: 978-85-7686-776-0

Copyright © Francine Rivers, 1994, 2002

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Browne & Miller Literary Associates, LLC.

Tradução © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

R522e

Rivers, Francine, 1947—

Um eco na escuridão [recurso eletrônico] / Francine Rivers; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. – Campinas [SP]: Verus, 2019.

recurso digital: il. (A Marca do Leão; 2) Tradução de: An echo in the darkness Sequência de: Uma voz ao vento

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-776-0 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

19-56516

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Revisado conforme o novo acordo ortográfico Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002

*Para Peggy Lynch e Lynn Moffett,  
amadas amigas e guerreiras de oração*

## SUMÁRIO

*Prólogo*

Parte I: **O ECO**

Parte II: **O BARRO**

Parte III: **A MODELAGEM**

Parte IV: **O FORNO**

Parte V: **O CÁLICE DE OURO**

*Epílogo*

*Glossário*

*Agradecimentos*

## PRÓLOGO

Diante da Porta da Morte, Alexandre Demócedes Amandino aguardava a chance de aprender mais sobre a vida. Como nunca gostara dos jogos, fora à arena com alguma relutância. No entanto, agora estava paralisado diante do que testemunhava, impressionado até os ossos. Olhou para a garota caída e sentiu uma inexplicável sensação de triunfo.

A louca intensidade da turba sempre o deixava inquieto. Seu pai havia dito que alguns se sentiam aliviados ao assistir à violência infligida aos outros, e Alexandre pensara nisso quando, em ocasiões assim, vira esse sentimento quase doentio em vários rostos na multidão. Em Roma. Em Corinto. Ali, em Éfeso. Talvez aqueles que viam os horrores fossem gratos aos deuses por não serem eles a enfrentar os leões, um gladiador experiente ou outra maneira mais grotesca e obscena de morte.

Era como se milhares de pessoas encontrassem catarse no derramamento de sangue, como se esse abraço de desordem planejada protegesse cada um deles do caos crescente de um mundo cada vez mais corrupto e arbitrário. Ninguém parecia notar que o fedor de sangue era tão forte quanto o da luxúria e do medo que permeava o ar que respiravam.

Amandino se agarrava às barras de ferro enquanto olhava para a areia onde jazia a jovem. Ela havia saído do meio das outras vítimas — que caminhavam para a morte — calma e estranhamente alegre. Ele não conseguira deixar de observá-la, pois havia notado na moça algo extraordinário, algo que desafiava as palavras. Ela cantara, e, por um breve momento, sua doce voz pairara no ar.

A multidão enlouquecida havia sufocado aquele som delicado e agitava-se mais e mais enquanto ela continuava avançando, atravessando a arena com serenidade em direção a Alexandre. O coração dele batia mais forte a cada passo que a jovem dava. Sua aparência era muito simples, mas havia nela um brilho, uma aura de luz que a rodeava. Ou teria sido apenas sua imaginação? Quando a leoa se jogou sobre ela, Alexandre sentiu o golpe em si mesmo.

Agora, duas leas brigavam pelo corpo. Ele estremeceu quando um animal afundou as presas na coxa da moça e começou a arrastá-la para longe. A outra leoa saltou, e as duas rolaram, engalfinhando-se.

Uma garotinha vestindo uma túnica esfarrapada e suja passou correndo pelo portão de ferro. Alexandre rangeu os dentes, tentando permanecer firme ao ouvir os gritos aterrorizados. Ao tentar proteger a menina, a mãe da criança foi derrubada por uma leoa com a coleira coberta de pedras preciosas. As mãos de Alexandre estavam brancas de tanto apertar as barras de ferro, quando outra leoa correu atrás da criança. *Corra, garota, corra!*

A visão de tanto sofrimento e morte o agrediu, provocando-lhe náuseas. Ele pressionou a testa contra as barras, o coração batendo forte.

Ele ouvira todos os argumentos a favor dos jogos. As pessoas mandadas para a arena eram criminosas, mereciam morrer. Essas que estavam diante dele agora pertenciam a uma religião que

incentivara a derrubada de Roma. No entanto, ele não podia deixar de pensar se uma sociedade que assassinava crianças indefesas não merecia perecer.

Os gritos da criança provocaram um calafrio em Alexandre. Ele quase agradeceu quando as mandíbulas da leoa se fecharam em torno da pequena garganta, extinguindo o som. Soltou o ar, que nem sabia que estava segurando, e ouviu um guarda rir sarcasticamente atrás de si.

— Um bocado bem pequeno, esse aí.

Alexandre sentiu um músculo estremecer no queixo. Queria fechar os olhos para não ver a carnificina, mas o guarda o observava. Ele podia sentir o brilho frio daqueles olhos duros e escuros através da viseira do capacete polido. *Ele está me observando.* E Alexandre não se humilharia demonstrando fraqueza. Se quisesse se tornar um bom médico, teria de superar suas aversões e sensibilidades. Acaso Flégon, seu professor, não o havia avisado?

“Você precisa endurecer esses sentimentos ternos se quiser ter sucesso”, dissera mais de uma vez, com desdém. “Afinal, ver a morte é parte da vida de um médico.”

Alexandre sabia que aquele experiente homem estava certo. E sabia que, se não fosse por causa dos jogos, não teria oportunidade de aprofundar seus estudos de anatomia humana. Ele havia ido o mais longe possível estudando desenhos e textos, e só realizando a vivisseção poderia aprender mais. Flégon conhecia a aversão que Alexandre tinha à prática, mas o velho médico fora inflexível, capturando-o em uma armadilha racional.

“Você afirma que quer ser médico?”, ele o desafiara. “Então me diga, meu bom aluno, você permitiria que um médico realizasse cirurgias sem conhecimento prático da anatomia humana? Gráficos e desenhos não são o mesmo que trabalhar em um ser humano. Agradeça o fato de os jogos lhe darem essa oportunidade!”

Agradecer? Alexandre observava as vítimas tombarem, uma a uma, até os terríveis sons de dor e terror serem abafados pela relativa quietude dos leões enquanto comiam. Gratidão? Ele balançou a cabeça. Não, isso era algo que ele nunca sentiria em relação aos jogos.

Subitamente, outro som mais perigoso que o dos leões começou a se espalhar. Alexandre o reconheceu de imediato — a onda de tédio, a crescente onda de descontentamento dos espectadores. O espetáculo havia acabado. Que as feras se empanturrassem no interior escuro de suas jaulas, em vez de sobrecarregar a multidão com um banquete enfadonho. Uma inquietação sombria varreu as arquibancadas como um incêndio em um cortiço.

O aviso foi rapidamente ouvido pelo *editor* dos jogos.

As feras ouviram os portões se abrirem e enfiaram com mais força garras e dentes em suas presas, enquanto tratadores armados surgiam para levá-las de volta às jaulas. Alexandre suplicou a Marte que os homens trabalhassem rápido, e a Asclépio que houvesse um lampejo de vida em pelo menos uma das vítimas. Caso contrário, ele teria que permanecer ali até que surgisse outra oportunidade.

Alexandre não estava interessado no drama de separar os animais de suas vítimas. Seu olhar varreu a areia à procura de um sobrevivente, mas as esperanças de que houvesse algum eram remotas. Seus olhos pousaram sobre a jovem novamente.

Não havia nenhum leão perto dela. Achou isso curioso, visto que ela estava longe dos homens que guiavam os animais para os portões. Viu um leve tremeluzir de movimento; inclinou-se para a frente e apertou os olhos para ver por entre o brilho. *Ela mexeu os dedos!*

— Ali — disse depressa ao guarda. — Quase no meio.

— Ela foi a primeira a ser atacada. Está morta.

— Quero dar uma olhada nela.

— Como quiser.

O guarda avançou um passo à frente, levou dois dedos aos lábios e deu dois assobios rápidos e agudos. Fez um sinal para o rosto emplumado de Caronte, que dançava entre os mortos. Alexandre observou o ator fantasiado pular e se voltar para a garota caída. Caronte se inclinou ligeiramente e virou a cabeça bicuda coberta de penas como se tentasse ouvir algum som ou sinal de vida, enquanto agitava teatralmente o martelo no ar, preparado para baixá-lo se encontrasse algum. Parecendo satisfeito pelo fato de a garota estar morta, ele a pegou pelo braço e a arrastou rudemente em direção à Porta da Morte.

No mesmo instante, uma leoa desviou os olhos para o tratador de animais que a conduzia. A multidão se levantou, gritando de emoção. O homem mal conseguiu escapar do ataque do animal. Com habilidade, usou seu chicote para afastar a leoa enfurecida da criança que estava comendo e fazê-la seguir em direção ao túnel e às jaulas.

O guarda aproveitou a distração e abriu o portão.

— Depressa! — sussurrou, e Caronte correu, arrastando a garota para as sombras.

O guarda estalou os dedos e dois escravos correram para pegá-la pelos braços e pernas, levando-a para o corredor pouco iluminado.

— Cuidado! — Alexandre disse, furioso, quando a jogaram em cima de uma mesa suja e manchada de sangue.

Ele os dispensou, certo de que aqueles imbecis haviam acabado de matá-la com tal manuseio brusco.

A mão forte do guarda apertou firmemente o braço de Alexandre.

— Seis sestércios antes que você a abra — disse friamente.

— É meio alto, não?

O guarda sorriu.

— Não muito alto para um aluno de Flégon. Seu cofre deve estar cheio de ouro para pagar a tutela dele — disse o guarda, estendendo a mão.

— Está se esvaziando depressa — disse Alexandre secamente, abrindo a bolsa que levava à cintura.

Ele não sabia quanto tempo tinha para trabalhar com a garota antes de ela morrer, de modo que não perderia tempo discutindo por algumas moedas. O guarda pegou o produto do suborno e se retirou, reservando três moedas para Caronte.

Alexandre voltou a atenção para a garota. Seu rosto era uma massa crua de areia e carne dilacerada. Sua túnica estava encharcada de sangue. Tão encharcada que ele tinha certeza de que ela estava morta. Inclinou-se, aproximou o ouvido dos lábios da garota e se espantou ao sentir a suave e quente exalação de vida. Não tinha muito tempo.

Fez sinal para seus escravos, pegou uma toalha e enxugou as mãos.

— Levem-na para longe do barulho. *Com delicadeza!*

Os dois escravos obedeceram diligentemente. O escravo de Flégon, Troas, também observava. Alexandre apertou os lábios. Admirava as habilidades de Troas, mas não suas maneiras frias.

— Dê-me um pouco de luz — disse Alexandre, estalando os dedos.

Uma tocha foi levada para perto, e ele se inclinou sobre a garota deitada na laje, nos recônditos escuros do corredor.

Era para isso que estava ali, era esse o único propósito de suportar os jogos: retirar a pele e os músculos da região abdominal para estudar os órgãos expostos. Com determinação redobrada,

desamarrou seu estojo de couro e o abriu, exibindo suas ferramentas de cirurgião. Retirou uma faca fina e afiada.

Suas mãos transpiravam. Não, tremiam. O suor brotava de sua testa também. Ele podia sentir Troas o analisando. Alexandre precisava ser rápido e aprender tudo que pudesse dentro dos poucos minutos que teria até que a garota morresse em consequência dos ferimentos ou de seu procedimento.

Em silêncio, amaldiçoou a lei romana que proibia a dissecação de cadáveres, forçando-o, assim, a essa prática medonha. Mas de que outra forma aprenderia o que precisava saber sobre o corpo humano? De que outra forma poderia treinar suas habilidades para salvar vidas?

Enxugou o suor da testa e em silêncio amaldiçoou a própria fraqueza.

— Ela não sentirá nada — disse Troas, baixinho.

Com os dentes cerrados, Alexandre cortou o decote da roupa da menina e rasgou sua túnica manchada de sangue até a bainha, abrindo-a cuidadosamente e expondo-a à avaliação profissional. Depois de um momento, recuou, franzindo a testa. Dos seios à virilha, tinha apenas marcas de feridas superficiais e contusões escuras.

— Traga a tocha mais perto — ordenou, inclinando-se sobre os ferimentos na cabeça e reavaliando-os.

Havia sulcos profundos desde o couro cabeludo até o queixo. Outro corte marcava a garganta, bem perto da artéria pulsante. Desceu o olhar lentamente, notando as feridas profundas no antebraço direito. Os ossos estavam quebrados. Muito pior, no entanto, eram as feridas na coxa, onde a leoa enfiara suas presas e tentara arrastá-la. Alexandre arregalou os olhos. A garota teria sangrado até a morte se a areia não houvesse obstruído as feridas, efetivamente estancando o fluxo de sangue.

Alexandre recuou. Com um corte rápido e hábil poderia começar seu estudo. Mas também com um corte rápido e hábil, ele a mataria.

O suor escorria por suas têmporas; seu coração batia forte. Ele observou o peito da garota subindo e descendo, a leve pulsação em sua garganta, e se sentiu mal.

— Ela não sentirá nada, meu senhor — repetiu Troas. — Está inconsciente.

— Estou vendo! — disse Alexandre secamente, lançando ao servo um olhar sombrio.

Aproximou-se e posicionou a faca. Havia trabalhado em um gladiador no dia anterior e aprendido mais sobre anatomia humana em alguns minutos que em horas de palestras. Felizmente, o moribundo não abria os olhos em momento algum. Mas suas feridas eram muito piores que essas.

Alexandre fechou os olhos, fortalecendo-se. Já havia observado Flégon trabalhar. Ainda podia ouvir o grande médico falando enquanto cortava com habilidade. “Você tem que trabalhar depressa. Assim. Eles estão quase mortos quando os pegamos, e o choque pode levá-los em um instante. Não perca tempo se preocupando se vão sentir algo. Você precisa aprender tudo que puder com o pouco tempo que os deuses lhe derem. No momento em que o coração parar, deve se retirar ou enfrentar a ira das divindades e da lei romana.” O homem em quem Flégon trabalhava vivera apenas alguns minutos antes de sangrar até a morte na mesa onde estava amarrado. No entanto, seus gritos ainda ecoavam nos ouvidos de Alexandre.

Ele olhou para Troas, o inestimável servo de Flégon. O fato de Flégon tê-lo enviado indicava a esperança do mestre médico em relação ao futuro de Alexandre. Troas havia ajudado Flégon muitas vezes no passado e sabia mais sobre medicina que a maioria dos médicos livres. Ele era egípcio, de pele escura e pálpebras pesadas. Talvez guardasse consigo os mistérios de sua raça.

Alexandre desejou não ter sido agraciado por tão grande honra.

— Quantas vezes você já viu isto, Troas?

— Uma centena de vezes, talvez até mais — disse o egípcio, com um sorriso irônico. — Quer ficar de fora?

— Não.

— Então prossiga. O que aprender aqui hoje salvará outros amanhã.

A garota gemeu e se mexeu em cima da mesa. Troas estalou os dedos e os dois servos de Alexandre deram um passo à frente.

— Segurem-na pelos pulsos e tornozelos e mantenham-na imóvel.

Ela soltou um grito áspero quando tomaram seu braço quebrado.

— Jeová — sussurrou e abriu os olhos.

Alexandre fitou aqueles olhos castanho-escuros cheios de dor e confusão e não conseguiu se mexer. Ela não era apenas um corpo no qual trabalhar. Era um ser humano que estava sofrendo.

— Meu senhor — disse Troas com mais firmeza —, precisa trabalhar depressa.

Ela murmurou algo em uma língua estranha e seu corpo relaxou. A faca caiu da mão de Alexandre e bateu no chão de pedra. Troas contornou a mesa de cimento e a pegou, estendendo-a a ele novamente.

— Ela desmaiou. Pode trabalhar agora sem preocupação.

— Dê-me uma tigela com água.

— O que quer fazer? Revivê-la?

Alexandre olhou para aquele rosto zombeteiro.

— Você se atreve a me questionar?

Troas viu a imperiosidade naquele rosto jovem e inteligente. Alexandre Demócedes Amandino podia ser apenas um estudante, mas era *livre*. E, ressentido, o egípcio teve de reconhecer que, independentemente de sua experiência ou habilidade, ele ainda era um escravo, e não ousou desafiar mais o homem. Engolindo a raiva e o orgulho, recuou.

— Desculpe-me, meu senhor — disse, sem inflexão na voz. — Só quis lhe recordar que ela está condenada à morte.

— Parece que os deuses lhe pouparam a vida.

— Pelo *senhor*. Os deuses a pouparam para que o senhor possa aprender o que precisa para se tornar um médico.

— E não serei eu a matá-la!

— Seja racional. Por ordem do procônsul, ela já está morta. Não será o senhor. Não foi por ordem sua que ela foi enviada aos leões.

Alexandre pegou a faca da mão de Troas e a guardou de volta com as outras ferramentas no estojo de couro.

— Não vou arriscar a ira do deus que poupou sua vida tirando-a dela agora. — Balançou a cabeça. — Como você pode ver claramente, seus ferimentos não atingiram órgãos vitais.

— Prefere condená-la a uma morte lenta por infecção?

Alexandre enrijeceu.

— Não quero que ela morra de jeito nenhum.

Sua mente fervia. Ele a vira caminhando pela areia, cantando, com os braços abertos como se fosse abraçar o céu.

— Temos que tirá-la daqui.

— Está louco? — sibilou Troas, olhando para trás para ver se o guarda o ouvira.

— Não tenho aqui o que necessito para tratar seus ferimentos ou consertar seu braço — murmurou Alexandre. Estalou os dedos, emitindo ordens sem palavras.

Sem poder se controlar, Troas segurou o braço de Alexandre.

— Não pode fazer isso, senhor! — disse com voz firme e mal contida, indicando enfaticamente o guarda. — Vai pôr todos nós em risco de morte se tentar resgatar um prisioneiro condenado.

— Então é melhor rezarmos ao deus desta moça para que ele nos proteja e ajude. Agora, pare de discutir comigo e tire-a daqui imediatamente. Não tenha medo do guarda; vou distraí-lo e me juntar a vocês assim que puder.

O egípcio o fitou com seus olhos escuros e incrédulos.

— *Mexa-se!*

Vendo que não havia como discutir, Troas gesticulou depressa para os outros. Sussurrou ordens enquanto Alexandre enrolava o estojo de couro. O guarda os observava com curiosidade. Alexandre pegou a toalha, limpou o sangue das mãos e caminhou calmamente em direção a ele.

— Você não pode tirá-la daqui — disse o guarda sombriamente.

— Ela está morta — mentiu Alexandre. — Eles vão se livrar do corpo. Recostou-se no portão de ferro rangente e fitou a areia quente. — Ela não valia seis sestércios. Já estava morta.

O guarda sorriu friamente.

— Você que a escolheu.

Alexandre deu uma risada seca e fingiu interesse em dois gladiadores.

— Quanto tempo dura esse embate?

O guarda avaliou os adversários.

— Trinta minutos, talvez mais. Mas não haverá sobrevivente desta vez.

Alexandre franziu a testa com impaciência fingida e jogou de lado a toalha manchada de sangue.

— Nesse caso, vou comprar um pouco de vinho.

Ao passar pela mesa, pegou seu estojo de couro. Caminhou pelos corredores iluminados por tochas, reprimindo o desejo de correr. Seu coração batia mais depressa a cada passo. Quando saiu à luz do sol, uma brisa suave roçou seu rosto.

*Depressa! Depressa!*

Assustado, olhou para trás. Ele ouvira as palavras claramente, como se alguém sussurrasse urgentemente em seu ouvido. Mas não havia ninguém ali.

Com o coração disparado, voltou-se em direção a sua casa e começou a correr, impelido por uma voz ao vento, mansa e delicada.

O E C O

## UM ANO DEPOIS

Marcus Luciano Valeriano caminhava pelo labirinto de ruas da Cidade Eterna na esperança de encontrar um santuário de paz dentro de si. Mas não conseguia. Roma era deprimente. Havia esquecido o fedor do Tibre poluído e da opressora e heterogênea humanidade. Ou talvez nunca o houvesse percebido, sempre ocupado com a própria vida e suas atividades. Nas últimas semanas desde que voltara à cidade onde nascera, passara horas vagando pelas ruas, visitando lugares que sempre apreciara. Agora, o riso de seus amigos era vazio, os frenéticos banquetes e bebidas eram exaustivos em vez de prazerosos.

Abatido e precisando de distração, concordara em ir aos jogos com Antígono. Seu amigo era agora um poderoso senador e ocupava um lugar de honra no pódio. Marcus tentou acalmar suas emoções conforme entrou na arquibancada e encontrou seu lugar. Mas não podia negar que se sentiu desconfortável no momento em que as trombetas começaram a tocar. Sentiu um aperto no peito e um forte nó no estômago quando a procissão começou.

Ele não ia aos jogos desde Éfeso. E se perguntava se teria estômago para assistir agora. Era dolorosamente claro que Antígono estava ainda mais obcecado por eles que quando Marcus deixara Roma, e havia apostado pesado em um gladiador da Gália.

Várias mulheres se juntaram a eles sob o toldo. Bonitas e voluptuosas, logo ao chegar demonstraram tanto interesse em Marcus quanto nos jogos. Algo se agitou nele quando olhou para elas, mas a emoção desapareceu tão rápido quanto surgiu. Essas mulheres eram superficiais, águas contaminadas comparadas ao vinho puro e inebriante que era Hadassah. E Marcus não se deleitava com suas conversas vãs e inúteis. Até mesmo Antígono, que sempre o divertira, começava a irritá-lo com sua coleção de piadas indecentes. Marcus pensava em como um dia pudera achar histórias tão obscenas divertidas ou se apiedar da ladainha de problemas financeiros do amigo.

— Conte outra — disse uma das mulheres, rindo, apreciando a piada grosseira que Antígono acabara de lhes contar.

— Suas orelhas vão arder — alertou o senador com olhos animados.

— Outra! — concordaram todos.

Todos menos Marcus. Ele ficou em silêncio, tomado por um sentimento de repugnância. *Eles se vestem como pavões frívolos e riem como corvos estridentes*, pensou enquanto os observava.

Uma das mulheres se ajeitou para se recostar ao lado dele. Pressionou o quadril contra ele sedutoramente.

— Os jogos me deixam agitada — disse ela, ronronando suavemente, com os olhos escuros.

Enojado, Marcus a ignorou. Ela começou a falar de um de seus muitos amantes, examinando o rosto de Marcus em busca de sinais de interesse. Mas isso só conseguiu deixá-lo mais enojado. Ele a

fitou, sem fazer esforço algum para esconder seus sentimentos, mas ela não percebeu. Simplesmente continuou tentando seduzi-lo com a sutileza de uma tigresa fingindo ser uma gata domesticada.

Enquanto isso, os jogos sangrentos prosseguiram. Antígono e as mulheres riam, zombavam e gritavam impropérios para as vítimas na arena. Marcus foi ficando cada vez mais nervoso ao observar seus companheiros, percebendo que eles se regozijavam com o sofrimento e a morte que se desenrolava diante deles.

Nauseado pelo que estava vendo, voltou-se para beber, para escapar daquele horror. Esvaziou sucessivas taças de vinho, desesperado para abafar os gritos das pessoas na arena. No entanto, nem um tonel da bebida seria capaz de apagar a imagem que lhe assaltava a mente: a imagem de outro lugar, de outra vítima. Ele esperava que o vinho entorpecesse seus pensamentos, mas, em vez disso, só os deixava mais conscientes.

Em volta, as massas estavam frenéticas, excitadas. Antígono abraçou uma das mulheres e os dois ficaram se agarrando. Sem pedir permissão, uma visão surgiu na mente de Marcus: a visão de Júlia, sua irmã. Ele recordou quando a levava aos jogos pela primeira vez e rira da excitação ardente em seus olhos escuros.

“Eu não vou envergonhá-lo, Marcus. Não hesitarei, por mais sangue que haja.” E ela não hesitara.

Nem naquele dia, nem mais tarde.

Incapaz de suportar mais, Marcus se levantou.

Abriu caminho por entre a multidão extasiada e subiu os degraus. Assim que pôde, saiu correndo — como fizera em Éfeso. Queria se afastar do barulho, do cheiro de sangue humano. Parou para recuperar o fôlego, apoiou o ombro contra uma parede de pedra e vomitou.

Durante horas após o término dos jogos, ele ainda podia ouvir o som da turba faminta, gritando por mais vítimas. O som ecoava em sua mente, atormentando-o.

Isso era tudo que ele sentia desde a morte de Hadassah.

Tormento. E um terrível vazio negro.



— Você tem nos evitado? — perguntou Antígono alguns dias depois, quando foi fazer uma visita a Marcus. — Não foi à festa de Crasso na noite passada. Estavam todos ansiosos para vê-lo.

— Eu tinha trabalho a fazer.

Marcus havia pensado em voltar a Roma em definitivo, com a esperança de encontrar a paz por que tanto ansiava. Mas agora sabia que suas esperanças haviam sido em vão. Olhou para Antígono e balançou a cabeça.

— Só ficarei em Roma por mais alguns meses.

— Pensei que você tinha voltado para ficar — disse Antígono, claramente surpreso.

— Mudei de ideia — respondeu Marcus brevemente.

— Mas por quê?

— Por razões que prefiro não discutir.

Os olhos de Antígono escureceram e sua voz gotejava sarcasmo quando disse: — Bem, espero que encontre tempo para participar da festa que planejei em *sua* homenagem. Por que está tão aborrecido? Pelos deuses, Marcus, você mudou desde que foi para Éfeso. O que aconteceu lá?

— Eu tenho trabalho a fazer, Antígono.

— Você precisa se livrar desses seus humores sombrios.

O senador estava sendo tão bajulador que Marcus desconfiou de que ele logo pediria dinheiro.

— Eu organizei uma festa com diversão suficiente para afastar qualquer pensamento ruim que possa assolar sua mente.

— Tudo bem, tudo bem! Eu vou ao seu maldito banquete — disse Marcus, impaciente para que Antígono fosse embora. Por que ninguém entendia que ele só queria ficar sozinho? — Mas não tenho tempo para conversa fiada hoje — complementou.

— Quanta delicadeza — disse Antígono, zombeteiro, levantando-se para partir. Ajeitando as vestes ao redor do corpo, dirigiu-se à porta, em seguida parou e olhou para seu amigo. — Espero que esteja com um humor melhor amanhã à noite.

Mas o humor de Marcus não melhorou.

Antígono não lhe dissera que Arria estaria presente. Pouco depois de chegar, Marcus a viu. Lançou a Antígono um olhar irritado, mas o senador apenas sorriu com presunção e se inclinou para ele com uma expressão maliciosa: — Ela foi sua amante por quase dois anos, Marcus. — Riu baixinho. — Foi seu relacionamento mais longo.

Ao ver a expressão no rosto de Marcus, ergueu uma sobrancelha e continuou: — Você parece contrariado. Você disse que se separou dela amigavelmente.

Arria ainda era bonita, ainda tentava seduzir todos os homens do salão, ainda era amoral e ansiosa por qualquer excitação nova. No entanto, Marcus via nela mudanças sutis. A beleza suave da juventude dera lugar à experiência de vida. Sua risada não demonstrava mais exuberância ou prazer; ao contrário, carregava uma confiança e uma crueza irritantes. Vários homens pairavam em torno dela, e ela provocava cada um, fazendo piadas à custa deles e oferecendo observações sugestivas em forma de sussurros. Ela olhou através do salão e viu Marcus. Ele sabia que ela se perguntava por que ele não fora capturado por seu sorriso quando entrara. Mas ele conhecia o que era aquele sorriso: a isca para um peixe faminto.

Infelizmente para Arria, Marcus não estava com fome. Não mais.

Antígono se aproximou.

— Veja como ela olha para você, Marcus. Poderia tê-la de volta em um estalar de dedos. Aquele homem que a observa como um cachorrinho de estimação é sua atual conquista, Metrodoro Crateuas Merula. O que lhe falta em inteligência ele mais que compensa em dinheiro. É quase tão rico quanto você, mas nossa pequena Arria tem seu próprio dinheiro hoje em dia. Seu livro causou um grande furor.

— Livro? — Marcus perguntou, dando uma risada sarcástica. — Eu não sabia que Arria era capaz de escrever seu nome, quanto mais de reunir palavras suficientes para formar uma frase.

— Obviamente você não sabe sobre o que ela escreveu, ou não estaria dizendo isso. Não é questão para rir. Nossa pequena Arria tinha talentos secretos que desconhecíamos. Ela se tornou uma mulher de letras, ou, mais precisamente, do erotismo. Lançou uma coleção de histórias sem censura. Pelos deuses, isso causou problemas em alguns círculos. Um senador perdeu a esposa por causa disso. Não que ele se importasse por perder a mulher, mas os laços familiares dela lhe custaram caro. Há rumores de que ele pode ter sido forçado ao suicídio. Arria nunca foi o que poderíamos chamar de “discreta”. Agora, acho que está viciada em escândalos. Mantém escribas trabalhando dia e noite, fazendo cópias de seu livrinho. E o preço de uma cópia é exorbitante.

— Preço que você, sem dúvida, pagou — disse Marcus secamente.

— Mas é claro — Antígono confirmou, rindo. — Queria ver se ela mencionaria meu nome. E mencionou. No capítulo onze. Para meu espanto, foi uma menção bastante superficial. — Olhou para Marcus com um sorriso divertido. — Mas escreveu a seu respeito com detalhes, e longamente. Não admira que Sarapais estivesse tão encantada com você nos jogos outro dia. Ela queria ver se você era tudo que Arria diz que é. — Sorriu. — Você devia comprar uma cópia para ler, Marcus. Pode lhe trazer de volta algumas lembranças doces.

— Com toda sua beleza requintada, Arria é obtusa e é melhor esquecê-la.

— Uma avaliação bastante cruel de uma mulher que você amou um dia, não é? — disse Antígono, medindo-o.

— Eu nunca a amei.

Marcus voltou sua atenção para as dançarinas que ondulavam diante dele. Os sinos em seus tornozelos e pulsos tilintavam, irritando-o. Em vez de se excitar com a ousadia daquela dança sensual e aqueles corpos transparentemente velados, sentia-se embaraçado. Desejou que a apresentação terminasse e elas fossem embora.

Antígono estendeu a mão e puxou uma das mulheres para seu colo. Apesar de ela se debater, ele a beijou apaixonadamente. Quando recuou, riu e disse a Marcus: — Escolha uma para você.

A escrava gritou, e o som fez Marcus instintivamente se encolher. Ele já tinha visto esse olhar antes — nos olhos de Hadassah, quando deixara suas próprias paixões fugirem ao controle.

— Deixe-a em paz, Antígono.

Outros observavam o senador, rindo e incentivando-o. Bêbado e sentindo-se provocado, a determinação de Antígono de conseguir o que queria se tornou mais rude. A garota gritou mais uma vez.

Subitamente, Marcus se levantou.

— Solte a moça!

O salão ficou em silêncio; todos os olhos se voltaram para ele com espanto. Rindo, Antígono ergueu a cabeça e o fitou com leve surpresa. Seu riso desapareceu. Alarmado, rolou de lado, soltando a garota.

Chorando histericamente, ela saiu, cambaleante.

Antígono fitou Marcus, intrigado.

— Desculpe-me, Marcus. Se a queria tanto assim, por que não disse antes?

Marcus sentiu os olhos de Arria fixos nele como brasas, queimando de ciúme. Logo imaginou que punição a escrava iria receber nas mãos de Arria por algo que não tinha nada a ver com ela.

— Eu não a queria — disse secamente. — Nem a qualquer outra neste salão.

Sussurros espalharam-se por todos os cantos. Várias mulheres olharam para Arria e sorriram com malícia.

O semblante de Antígono se tornou sombrio.

— Então por que se intrometeu no meu prazer?

— Porque você estava prestes a estuprar a garota.

Antígono riu com indiferença.

— Estuprar? Ela bem que teria gostado.

— Duvido.

O humor de Antígono evaporou; seus olhos brilhavam diante do insulto.

— Desde quando se importa com os sentimentos de uma escrava? Já vi você satisfazer seu prazer da mesma forma algumas vezes.

— Não preciso que me recorde disso — Marcus rebateu, sério, servindo o restante do vinho em sua taça. — Preciso de um pouco de ar fresco.

Ele foi para os jardins, mas não encontrou alívio, pois Arria o seguiu, com Merula ao lado. Rangendo os dentes, Marcus teve de suportar sua presença. Ela falava sobre o romance deles como se houvesse terminado no dia anterior, e não há quatro anos. Merula olhava feio para Marcus, que sentia pena do homem. Arria sempre gostara de atormentar seus amantes.

— Você leu meu livro, Marcus? — ela perguntou com voz melosa.

— Não.

— É muito bom. Você vai adorar.

— Perdi o gosto por lixo — disse ele, fitando-a com seu olhar cintilante.

Os olhos de Arria se acenderam.

— Eu menti sobre você, Marcus — disse ela com o rosto desfigurado pela raiva. — Você foi o pior amante que eu já tive!

Marcus sorriu para ela com frieza.

— Isso porque eu fui o único que se afastou de você ainda com sangue nas veias.

E, dando-lhe as costas e ignorando as ofensas que ela gritava, saiu do jardim. Voltou ao salão e procurou distração nas conversas com velhos conhecidos e amigos. Mas o riso deles o irritava; sempre se divertiam à custa dos outros. Ele ouvia a mesquinhez por trás das observações divertidas, o prazer nas novas tragédias relatadas.

Abandonou o grupo e se reclinou em um divã, bebendo morosamente e observando as pessoas. Notou os joguinhos que praticavam umas com as outras. Punham máscaras de civilidade, mas o tempo todo vomitavam veneno. E então ele percebeu: reuniões e festas como essa haviam sido grande parte de sua vida. E ele se *divertira*.

Agora Marcus se perguntava por que estava ali, por que tinha voltado para Roma.

Antígono se aproximou, com o braço descuidadamente ao redor de uma garota de pele clara, ricamente vestida, de sorriso sensual e curvas de Afrodite. E, por um instante, a carne de Marcus respondeu à intensidade escura dos olhos dela. Fazia muito tempo que não ficava com uma mulher.

Antígono notou o olhar avaliador de Marcus e sorriu.

— Gostou dela. Eu sabia que gostaria. Ela é deliciosa.

Retirando o braço da cintura da mulher, deu-lhe uma leve cutucada. Mas ela não precisava de incentivo: caiu graciosamente contra o peito de Marcus e o fitou com os lábios entreabertos. Antígono sorriu, obviamente satisfeito consigo mesmo.

— Seu nome é Dídima.

Marcus segurou Dídima pelos ombros e a afastou, sorrindo ironicamente para Antígono. A mulher olhou dele para seu amo. Antígono deu de ombros.

— Parece que ele não a quer, Didi — disse, dispensando-a.

Resoluto, Marcus deixou sua taça na mesa.

— Eu agradeço o gesto, Antígono...

— Mas... — o homem o interrompeu, pesaroso, e balançou a cabeça. — Você me deixa perplexo, Marcus. Não tem interesse em mulheres. Não tem interesse nos jogos. O que aconteceu com você em Éfeso?

— Nada que você possa entender.

— Conte-me.

Marcus deu-lhe um sorriso sarcástico.

— Eu não confiaria minha vida privada a um homem tão popular.

Antígono estreitou os olhos.

— Suas palavras são mordazes ultimamente — disse com suavidade. — Que ofensas lhe fiz para me condenar tanto?

Marcus sacudiu a cabeça.

— Não é você, Antígono. É tudo.

— Tudo *o quê?* — perguntou Antígono, confuso.

— A vida. A maldita *vida!*

Os prazeres sensuais que Marcus já havia saboreado agora eram areia em sua boca. Quando Hadassah morrera, algo dentro dele morrera também. Como poderia explicar a dor, as profundas mudanças dentro de si a um homem como Antígono, ainda consumido e obcecado pelas paixões carnavais?

Como poderia explicar que tudo havia perdido o sentido para ele quando uma escrava comum morrera em uma arena de Éfeso?

— Desculpe-me — disse Marcus, indiferente, levantando-se para sair. — Sou uma péssima companhia hoje em dia.

Recebeu outros convites no mês seguinte, mas declinou, optando por se dedicar aos negócios. Mas também não encontrava paz ali. Não importava quão freneticamente trabalhasse, continuava atormentado. Por fim, entendeu que tinha que se livrar do passado, de Roma, de tudo.

Vendeu a pedreira e os contratos de construção restantes — com um lucro considerável, embora não sentisse orgulho ou satisfação com seus ganhos. Reuniu-se com os administradores de seus armazéns no Tibre e revisou as contas. Sexto, um antigo parceiro de seu pai, havia se mostrado fiel aos interesses dos Valeriano durante muitos anos. Marcus lhe ofereceu o cargo de administrador das propriedades da família em Roma, com uma generosa porcentagem da receita bruta.

Sexto não conseguia acreditar.

— O senhor nunca foi tão generoso.

Havia um desafio sutil e uma desconfiança silenciosa em suas palavras.

— Pode distribuir o dinheiro como quiser. Não precisa me dar satisfação.

— Eu não estou falando de dinheiro — disse Sexto sem rodeios. — Estou falando de *controle*. A menos que eu esteja entendendo mal, o senhor está me entregando as rédeas de seus negócios em Roma.

— Isso mesmo.

— Esqueceu que já fui escravo de seu pai?

— Não.

Sexto o avaliou com os olhos apertados. Conhecera Décimo muito bem e sabia que Marcus dera ao pai muito desgosto. A ambição do jovem era como uma febre em seu sangue, queimando sua consciência. Qual era seu jogo agora?

— Não era seu objetivo controlar as propriedades de seu pai, assim como as suas?

Marcus curvou os lábios em um sorriso frio.

— Você fala francamente.

— Preferiria que eu não falasse, meu senhor? Diga-me se for o caso, para que eu possa lhe comprazer.

Marcus apertou os lábios, mas manteve a calma. Forçou-se a lembrar que esse homem havia sido um amigo leal de seu pai.

— Meu pai e eu fizemos as pazes em Éfeso.

O silêncio de Sexto revelava sua descrença.

Marcus olhou diretamente nos olhos daquele homem mais velho e sustentou seu olhar.

— O sangue de meu pai corre em minhas veias, Sexto — disse com frieza. — Não lhe fiz essa proposta levemente nem tenho segundas intenções que o ameacem. Pensei bastante nas últimas semanas. Você cuidou das cargas que foram trazidas a estes armazéns por dezessete anos, conhece pelo nome os homens que descarregam os navios e estocam os produtos. Sabe em quais comerciantes se pode confiar e em quais não. E sempre apresentou a contabilidade correta de todas as transações. Em quem mais eu poderia confiar?

Estendeu o pergaminho. Sexto não fez nenhum movimento para pegá-lo.

— Aceite ou recuse, como achar melhor — disse Marcus —, mas saiba que vendi minhas outras propriedades em Roma. A única razão pela qual não vendi os navios e armazéns é porque eram parte importante da vida de meu pai. Foram seu suor e seu sangue que construíram este empreendimento, não os meus. Eu lhe ofereço esse cargo porque você é capaz, mas, mais importante que isso, porque era amigo de meu pai. Se recusar minha oferta, vou vender tudo. Não tenha dúvidas disso, Sexto.

O homem deu uma risada dura.

— Mesmo que esteja falando sério, você não conseguiria. Roma está lutando para sobreviver. Neste momento, não conheço ninguém que tenha dinheiro para comprar uma empresa desse porte.

— Eu sei — disse Marcus com um olhar frio. — Não sou contra me desfazer totalmente da frota e de todas as propriedades.

Sexto viu que ele estava falando sério e ficou chocado diante de tal pensamento oportunista. Como esse jovem podia ser filho de Décimo?

— Você emprega mais de quinhentas pessoas! Homens livres, a maioria. Não se importa com eles e com o bem-estar de suas famílias?

— Você os conhece melhor que eu.

— Se vender agora, ganhará apenas uma fração do valor de tudo isso — disse Sexto, aludindo ao conhecido amor de Marcus pelo dinheiro. — Duvido que leve isso adiante.

— Se quiser arriscar — disse o rapaz, jogando o pergaminho na mesa entre os dois.

Sexto o estudou por um longo tempo, alarmado com a dureza no rosto do jovem. Ele não estava blefando.

— *Por quê?*

— Porque não quero essa pedra em volta do meu pescoço, prendendo-me a Roma.

— E você iria tão longe? Se o que disse é verdade e fez as pazes com seu pai, por que destruiria o que ele levou uma vida inteira para construir?

— Não é o que quero fazer — respondeu Marcus simplesmente. — Mas vou lhe dizer uma coisa, Sexto. No fim, papai via tudo isso como vaidade, e agora concordo com ele. — Apontou para o pergaminho. — Qual é sua resposta?

— Preciso de tempo para pensar.

— Você tem o tempo que eu levarei para sair por aquela porta.

Sexto se enrijeceu diante de tanta arrogância. Mas então relaxou. Curvou levemente os lábios. Expirou forte e balançou a cabeça, rindo com suavidade.

— Você é muito parecido com seu pai, Marcus. Mesmo depois de me dar minha liberdade, ele sempre soube como conseguir o que queria.

— Não em tudo — disse Marcus, enigmático.

Sexto sentiu a dor de Marcus. Talvez houvesse mesmo feito as pazes com o pai e agora se arrependia dos anos de rebelião desperdiçados. Pegou o pergaminho e bateu com ele na palma da mão. Lembrando-se do pai, Sexto estudou o filho.

— Eu aceito — declarou. — Mas com uma condição.

— Diga.

— Vou tratar com você da mesma maneira que tratava com seu pai — disse, jogando o pergaminho nas brasas e estendendo a mão.

Sentindo a garganta se fechar, Marcus a apertou.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, navegava em direção a Éfeso.

Durante as longas semanas da viagem, passou horas parado na proa do navio, sentindo o vento salgado no rosto. Ali, por fim, permitiu que seus pensamentos voltassem a ser de Hadassah. Lembrou-se de estar com ela em uma proa como aquela, observando os fios macios de seus cabelos escuros voarem em torno de seu rosto, sua expressão séria enquanto falava de seu deus invisível: *Deus falou... Uma vozinha calma. Uma voz ao vento.*

Assim como a voz dela parecia falar com ele agora, calma, baixinha, sussurrando para ele ao vento, acenando para ele, chamando-o.

Mas para onde? Para o desespero? Para a morte?

Ele se sentia dividido entre querer esquecê-la e temer fazê-lo. E agora era como se estivesse abrindo sua mente para ela e não pudesse fechá-la novamente.

A voz de Hadassah se tornou uma presença insistente, ecoando na escuridão em que ele agora vivia.

Ao desembarcar em Éfeso, Marcus não teve nenhuma sensação de volta ao lar ou de alívio pelo fim da viagem. Deixou suas posses nas mãos de servos e foi diretamente para a casa de sua mãe, em uma encosta não muito longe do centro da cidade.

Foi recebido por um criado surpreso, que informou que ela havia saído, mas voltaria em uma hora. Cansado e deprimido, foi até o pátio interno para se sentar e esperar.

Os raios de sol desciam até o átrio, lançando sua luz bruxuleante na água ondulante da piscina ornamental. A água brilhava e dançava, e o som reconfortante da fonte ecoava pelos corredores mais baixos. No entanto, ele não sentiu conforto quando se sentou à sombra de uma pequena alcova.

Recostou a cabeça na parede, tentando deixar o som melódico banhá-lo e aliviar-lhe o espírito dolorido. Mas, em vez disso, assombrado pelas memórias, sua dor cresceu até quase sufocá-lo.

Fazia catorze meses que Hadassah morrera, mas a angústia o dominava como se houvesse sido ontem. Ela se sentava nesse mesmo banco, rezando a seu deus invisível e encontrando uma paz que ainda lhe escapava. Marcus quase podia ouvir sua voz — baixa, doce, purificadora como a água. Ela orava por seu pai e sua mãe. Orava por ele. Orava por *Júlia!*

Fechou os olhos, desejando poder mudar o passado. Se isso fosse suficiente para trazer Hadassah de volta... Quem dera. Se com um passe de mágica a agonia dos últimos meses pudesse ser apagada, ela estaria sentada ao lado dele, viva e bem. Se ao menos ele pudesse pronunciar seu nome, como um encantamento, e, com o poder de seu amor, fazê-la ressuscitar dos mortos...

— Hadassah... — sussurrou com voz rouca. — *Hadassah.*

No entanto, em vez de ela se levantar das névoas de sua imaginação, surgiram as imagens obscenas e violentas de sua morte, seguidas pelo tumulto de sua alma — o horror, a dor e a culpa, tudo colapsando em uma raiva profunda e implacável que agora era sua companheira constante.

*De que adiantou rezar?*, ele se perguntava amargamente, tentando impedir em sua mente a visão da morte de Hadassah. Ela ficara parada calmamente enquanto o leão a atacava. Se houvesse gritado, ele não a teria ouvido com o barulho dos aplausos dos efésios... de sua própria irmã.

Antes de ele partir para Roma, sua mãe dissera que o tempo curava todas as feridas, mas o que ele sentira naquele dia ao ver Hadassah morrer só se tornara mais pesado e difícil de suportar, não mais fácil. Agora sua dor era uma massa sólida constante dentro dele, que o puxava para baixo.

Marcus soltou um suspiro e se levantou. Não podia se permitir viver no passado. Não nesse dia, tão cansado, exausto da longa e monótona viagem marítima. Ir para Roma não adiantara nada para fazer desaparecer a apatia que sentia, só deixara a vida pior. Agora ele estava ali, em Éfeso, sem se sentir nem um pouco melhor do que no dia em que partira.

Parado no peristilo da casa de sua mãe na encosta da colina, sentia-se invadido por uma tristeza dolorosa e indizível. A casa estava tomada de silêncio, mesmo cercada de criados. Ele sentia a presença deles ali, mas eram sábios o suficiente para se manter distantes. A porta da frente se abriu e se fechou. Ele ouviu vozes suaves e passos apressados indo em sua direção.

— Marcus! — sua mãe exclamou, correndo até ele e o abraçando.

— Mãe — ele retribuiu o cumprimento, sorrindo e segurando-a à distância de um braço para ver como ela se saía em sua ausência. — Você parece bem.

Inclinou-se para beijar-lhe as faces.

— Por que voltou tão cedo? — ela perguntou. — Pensei que não o veria durante anos.

— Concluí meus negócios. Não havia razão para ficar.

— Estava tudo como você esperava?

— Sou mais rico agora que há um ano, se é disso que está falando.

O sorriso de Marcus não tinha emoção. Febe o encarou e sua expressão se suavizou. Levou delicadamente a mão ao rosto dele, como se ele fosse uma criança ferida.

— Marcus — ela disse, cheia de compaixão. — Sua viagem não fez você esquecer.

Ele se afastou, perguntando-se se toda mãe era capaz de olhar dentro da alma do filho.

— Eu passei a administração dos armazéns a Sexto — soltou abruptamente. — Ele é capaz e confiável.

Febe acompanhou a mudança de assunto.

— Você sempre teve o instinto de seu pai sobre as pessoas — disse baixinho, observando-o.

— Nem sempre — ele rebateu pesadamente, tentando tirar sua irmã do pensamento. — Iulius me informou que você teve febre por várias semanas.

— Sim — respondeu Febe —, mas já estou bem.

Marcus a avaliou com mais atenção.

— Ele disse que você ainda se cansa facilmente. Está mais magra que da última vez que a vi.

Ela riu.

— Não precisa se preocupar comigo. Agora que você está em casa de novo, terei mais apetite. — Ela pegou a mão dele. — Você sabe que eu sempre me preocupava quando seu pai fazia uma de suas longas viagens. Imagino que agora me preocuparei com você. O mar é muito imprevisível.

Ela se sentou no banco, mas ele ficou em pé. Febe o notava inquieto e mais magro, seu rosto marcado e mais duro.

— Como estava Roma?

— Igual. Vi Antígono, com seu séquito de bajuladores. Estava choramingando sobre dinheiro, como sempre.

— E você lhe deu o que ele pediu?

— Não.

— Por que não?

— Porque ele queria trezentos mil sestércios, e cada moeda patrocinaria os jogos.

Ele deu meia-volta. Antes, teria concordado sem hesitar e, de fato, teria gostado de assistir aos jogos. E, claro, Antígono teria demonstrado gratidão com contratos de construção governamentais e referências de ricos aristocratas que quisessem moradias maiores e mais elaboradas.

Um político como Antígono tinha que cortejar a plebe. E a melhor maneira de fazer isso era patrocinando os jogos. Não interessava à plebe o que um senador representava, desde que tivesse entretenimento e distração dos verdadeiros problemas cotidianos: instabilidades no comércio, revoltas civis, fome, doenças, escravos invadindo as províncias e tomando os empregos de homens livres...

Mas Marcus não queria mais participar de nada disso. Envergonhava-se de ter dado centenas de milhares de sestércios a Antígono no passado. Só pensava na época em tirar vantagem comercial do fato de ter um amigo nas altas esferas do poder. Nem uma única vez pensara no que suas ações

significavam em termos de vidas humanas. Na verdade, não se importava. Financiar Antígono era conveniente; Marcus queria contratos para construir nos locais mais ricos de Roma, e encher os cofres de Antígono com sestércios era o meio mais rápido para o sucesso financeiro. O suborno lhe dera oportunidades; as oportunidades lhe deram riqueza. Seu deus: Fortuna.

Agora, como se olhasse em um espelho, ele conseguia enxergar como vivia antes: entediado, embebedando-se com amigos enquanto um homem era pregado na cruz, comendo iguarias servidas por um escravo enquanto homens eram postos uns contra os outros e forçados a lutar até a morte. E por qual motivo? Para entreter uma turba entediada e faminta, uma massa da qual ele era membro pagante. E agora estava pagando um preço ainda mais alto: a consciência de que havia tido participação na morte de Hadassah, tanto quanto qualquer outra pessoa.

Lembrava-se de ter rido quando vira um homem correr aterrorizado, tentando inutilmente escapar de uma matilha de cães. Ainda podia ouvir os milhares de pessoas gritando e aplaudindo descontroladamente enquanto a leoa rasgava a carne de Hadassah. Qual fora o crime dela, além de ter uma doce pureza que havia ferido a consciência e despertado o ciúme de uma sórdida prostituta? Uma prostituta que era irmã de Marcus...

Sentada em silêncio em um banco à sombra, Febe observava o rosto amargurado do filho.

— Júlia perguntou quando você voltaria.

Ele sentiu os músculos da mandíbula se retesarem ao ouvir o nome da irmã.

— Ela quer vê-lo, Marcus.

Ele se manteve calado.

— Ela precisa de você.

— As necessidades dela não me interessam.

— E se ela quiser se redimir?

— Se redimir? Como? Acaso ela pode trazer Hadassah de volta à vida? Pode desfazer o que fez?

Não, mãe. Não há redenção possível para o que ela fez.

— Ela ainda é sua irmã — Febe disse gentilmente.

— Você pode ter uma filha, mãe, mas eu juro que não tenho mais uma irmã.

Febe viu a ferocidade no olhar de Marcus, o movimento intransigente em sua mandíbula.

— Não pode deixar o passado de lado? — implorou.

— Não.

— Nem perdoar?

— Nunca! E lhe digo que rezo para que toda a maldição do mundo caia sobre a cabeça de Júlia.

Lágrimas encheram os olhos de sua mãe.

— Talvez, se você tentar lembrar como Hadassah viveu, e não como morreu...

As palavras dela atingiram o coração de Marcus, e ele se voltou levemente, irritado por ela o alertar disso.

— Eu me lembro muito bem — disse com voz rouca.

— Talvez nós não a recordemos do mesmo modo — disse Febe com suavidade.

Ergueu a mão para sentir o pingente escondido embaixo do *palus*. Nela estava o emblema de sua nova fé: um pastor carregando nos ombros um cordeiro perdido. Marcus não sabia. Ela hesitou, imaginando se seria a hora de lhe contar.

Era estranho que, ao observar Hadassah, Febe houvesse encontrado tão claramente o caminho que sua própria vida deveria seguir. Ela se tornara cristã, batizada pela água e pelo Espírito do Deus

vivo. Não fora uma luta para ela — não como havia sido para Décimo, que esperara até o fim para aceitar o Senhor.

Agora era Marcus, tão parecido com o pai, que lutava contra o Espírito. Marcus, que não queria mestres em sua vida e não reconheceria nenhum.

Observando a postura impaciente do filho, Febe sabia que aquele não era o momento de lhe falar sobre Jesus e sua fé. Marcus sentiria raiva, ele não entenderia. Sentiria medo por ela, medo de perdê-la da mesma maneira que perdera Hadassah. Ah, se ao menos ele pudesse ver que Hadassah não estava perdida... *Ela é que estava.*

— O que Hadassah lhe pediria para fazer?

Marcus fechou os olhos.

— Se ela tivesse feito as coisas de maneira diferente, ainda estaria viva.

— Se ela tivesse sido diferente, Marcus, você não a teria amado desse jeito, com todo o seu coração, sua mente e sua alma.

Como ele deveria amar a Deus, mas ele não via que era o Espírito dentro de Hadassah que o atraía.

Vendo sua dor, Febe sofria por ele. Ela se levantou e se aproximou do filho.

— Sua homenagem a Hadassah vai ser o ódio implacável por sua própria irmã?

— Pare com isso, mamãe — disse ele com voz rouca.

— Como poderia? — ela retrucou tristemente. — Você é meu filho, e, não importa o que Júlia tenha feito, continua sendo minha filha. Eu amo *vocês dois*. E amo Hadassah.

— Hadassah está *morta*, mãe. E morreu por causa de algum crime que cometeu? Não! Ela foi assassinada por ciúme, por uma prostituta.

Febe pousou a mão no braço de Marcus.

— Hadassah não está morta para mim. Nem para você.

— Não está morta... — disse ele, sombrio. — Como pode dizer isso? Ela está aqui conosco?

Ele se afastou e se sentou no banco onde Hadassah costumava ficar na quietude da noite e antes do amanhecer. Parecia exausto, recostado na parede.

Ela se sentou no banco ao lado e pegou sua mão.

— Você se lembra do que ela disse a seu pai pouco antes de ele morrer?

— Ele pegou minha mão e a pousou sobre a de Hadassah. Ela pertencia a mim.

Ele ainda podia ver a expressão nos olhos escuros da moça quando fechou a mão firmemente ao redor da dela. Acaso seu pai sabia que ela estava em perigo? Estava pedindo que a protegesse? Ele deveria tê-la tomado de Júlia naquele momento, em vez de esperar que fosse conveniente. Júlia estava grávida naquela época, seu amante desaparecido. Sentira pena da situação da irmã e não percebera o perigo. Se ele tivesse sido sábio, Hadassah ainda estaria viva. E seria sua esposa.

— Marcus, Hadassah disse que, se você acreditar e aceitar a graça de Deus, estará com o Senhor no paraíso. Ela nos disse que todo aquele que crer em Jesus não perecerá e terá a vida eterna.

Ele apertou a mão de sua mãe.

— Palavras para consolar um moribundo que achava que sua vida não tivera sentido, mãe. Não existe vida após a morte, só pó e escuridão. Tudo que temos está bem aqui, agora. O único tipo de vida eterna que alguém pode esperar está no coração de outra pessoa. Hadassah está viva, e assim permanecerá enquanto eu viver. Ela está viva em mim. — Seu olhar endureceu. — E por causa do meu amor por ela, nunca vou esquecer como ela morreu e quem é a culpada.

— Acaso um dia vai entender por que ela morreu? — perguntou Febe com os olhos brilhantes de lágrimas.

— Eu *sei* por quê. Ela foi assassinada por ciúme e despeito. Sua pureza expôs a impureza de Júlia.

Tenso, ele afastou a mão da de sua mãe, lutando contra as emoções que grassavam dentro dele. Não queria descontar nela. Ela não tinha culpa de ter dado à luz uma cobra venenosa. Mas por que ela falava dessas coisas agora, quando ele se sentia tão vulnerável?

— Às vezes eu queria poder esquecer — disse, baixando a cabeça entre as mãos e massageando a testa, como se doesse em razão das lembranças. — Certa vez ela me disse que seu deus falava com ela ao vento, mas eu não ouço nada, só o fraco eco da voz *dela*.

— Então escute.

— Não posso! Não suporto!

— Talvez o que você precise fazer seja buscar o Deus dela para receber a paz da qual Hadassah falava.

Marcus levantou a cabeça bruscamente e soltou uma risada dura.

— Buscar o deus dela?

— A fé nele era a essência de Hadassah, Marcus. Certamente você sabe disso.

Ele se levantou e se afastou.

— Onde estava esse deus todo-poderoso quando ela enfrentou os leões? Se ele existe, é um covarde, porque a abandonou!

— Se você realmente acredita nisso, precisa descobrir por quê.

— Como faço isso, mãe? Pergunto aos sacerdotes de um templo que não existe mais? Tito destruiu Jerusalém. A Judeia está em ruínas.

— Vá até o Deus dela e pergunte.

Ele franziu a testa com um olhar penetrante.

— Você não está começando a acreditar nesse maldito Jesus, está? Eu lhe disse o que aconteceu com o homem. Ele não passava de um carpinteiro que estava do lado errado dos judeus. Eles o entregaram para ser crucificado.

— Você amava Hadassah.

— Eu ainda amo.

— Então ela não vale seus questionamentos? O que ela queria que você fizesse, Marcus? O que importava para ela mais que a própria vida? Você deve buscar o Deus dela e perguntar por que ela morreu. Só ele pode lhe dar as respostas de que você necessita.

Marcus retorceu os lábios com ironia.

— Como alguém procura o rosto de um deus invisível?

— Como Hadassah fazia. *Orando*.

A tristeza o dominou, acompanhada por um sentimento de raiva e amargura.

— Pelos deuses, mãe, de que adiantou a oração para ela?

No olhar surpreso e na expressão decepcionada de Febe, Marcus viu que a magoara profundamente. Obrigou-se a relaxar, a ser racional.

— Mãe, eu sei que está tentando me consolar, mas não há conforto. Você não entende? Talvez o tempo mude as coisas, não sei, mas nenhum deus vai me fazer bem. — Ele sacudiu a cabeça, com raiva na voz mais uma vez. — Desde que eu era criança, lembro de você colocar suas oferendas diante de seus deuses domésticos no larário. Isso salvou seus outros filhos da febre? Manteve o papai vivo? Você alguma vez ouviu uma voz ao vento? — Sua ira se esvaiu, deixando apenas uma terrível sensação de vazio. — Deuses não existem.

— Então tudo que Hadassah dizia era mentira.

Ele estremeceu.

— Não. Ela acreditava em cada palavra do que dizia.

— Ela acreditava em uma mentira, Marcus? Ela morreu por nada?

Febe o viu apertar os punhos nas laterais do corpo e entendeu que suas perguntas lhe causavam dor. Mas melhor sentir dor agora que morrer para sempre.

Ela se levantou e se aproximou de Marcus mais uma vez, pousando suavemente a mão em sua face.

— Marcus, se você realmente acredita que o Deus de Hadassah a abandonou, pergunte por que ele faria isso a alguém como ela.

— O que isso importa agora?

— Importa. Importa mais do que você imagina. De que outra forma você ficaria em paz com o que aconteceu?

O rosto de Marcus empalideceu.

— A paz é uma ilusão. Não existe paz verdadeira. Se eu for buscar o deus de Hadassah, mãe, não será para louvá-lo como ela, mas para amaldiçoá-lo.

Febe não disse mais nada, mas seu coração gritou de angústia.

*Oh, Senhor Deus, perdoa-o. Ele não sabe o que diz.*

Marcus se afastou, não queria ser confortado. Acreditava que tudo que lhe restava era o doce eco da voz de Hadassah na escuridão que se fechara sobre ele.

— Aquela ali — disse Júlia Valeriano, apontando para uma pequena cabra na tenda em frente ao templo. — A marrom-escura. Ela é perfeita?

— Todas as minhas cabras são perfeitas — o comerciante respondeu, abrindo caminho entre o rebanho aglomerado no curral e pegando a que ela pedia...

Passou uma corda em volta do pescoço do animal.

— Estes animais não têm defeito — salientou, erguendo a cabra que se debatia e se voltando para ela para informar o preço.

Júlia estreitou os olhos com raiva, do animal esquelético para o comerciante avarento.

— Eu não vou lhe pagar tanto por uma cabra tão pequena!

Ele passou explicitamente o olhar pelo fino *palus* de lã dela e se demorou nas pérolas de seu cabelo e no colar de carbúnculo em volta do pescoço.

— Você parece que pode pagar, mas, se o que procura é uma pechincha, desista. — Deixou a cabra no chão e se endireitou. — Eu não vou perder tempo regateando, mulher. Vê essa marca na orelha dela? Esse animal foi ungido para sacrifício por um dos harúspices. Essa concessão é fornecida pelos videntes para seu benefício. O dinheiro que você paga por este animal vai para o harúspice e para o templo, entende? Se quiser comprar uma cabra mais barata em outro lugar e tentar levá-la aos deuses e seus representantes, faça-o por sua conta e risco — disse com olhos escuros e zombeteiros.

Júlia estremeceu. Tinha plena consciência de que estava sendo enganada, mas não tinha escolha. Aquele homem terrível estava certo: só um tolo tentaria enganar os deuses — ou o harúspice, a quem os deuses haviam escolhido para ler os sinais sagrados ocultos nos órgãos vitais dos animais sacrificados. Olhou para a pequena cabra com desgosto. Estava ali para descobrir o que a afligia, e, se isso significava ter que comprar um animal de sacrifício a um preço escandaloso, era o que faria.

— Desculpe-me — disse. — Vou levá-la.

Júlia tirou seu bracelete e abriu um compartimento que havia nele. Colocou três sestércios na mão do comerciante enquanto tentava ignorar sua soberba. Ele esfregou as moedas entre os dedos e as guardou na bolsa que levava à cintura.

— É sua — disse, entregando-lhe a corda. — Que ela lhe traga saúde.

— Pegue-a — Júlia ordenou secamente a Eudemas, afastando-se para que a escrava pudesse tirar do curral lotado o animal que balia e se debatia.

O comerciante a observou e riu.

Quando Júlia entrou no templo com Eudemas e a cabra, sentiu-se fraca. O aroma enjoativo do incenso não conseguia subjugar o cheiro de sangue e morte. Sentiu o estômago revirar. Entrou na fila, atrás das outras pessoas que esperavam. Fechou os olhos e engoliu a náusea. Suor frio cobria-lhe a testa. Não conseguia parar de pensar na noite anterior e em sua discussão com Primo.

— Você se tornou uma chata, Júlia — disse Primo. — Impõe sua tristeza em cada festa a que vai.

— Que gentileza sua, *querido marido*, pensar em minha saúde e em meu bem-estar.

Júlia olhou para Calabah em busca de apoio, mas esta fazia um sinal a Eudemas para que lhe trouxesse a bandeja com fígado de ganso.

Calabah escolheu um e sorriu de um jeito que fez a escrava corar e depois empalidecer. Em seguida a dispensou, enquanto a observava levar a bandeja para Primo. Até esse momento, não havia notado que Júlia a encarava. Então, simplesmente arqueou uma sobrancelha e a fitou com seus olhos sombrios, frios, vazios e indiferentes.

— O que foi, querida?

— Você não se importa se estou doente?

— Claro que me importo — disse Calabah com voz calma, mas com uma nota de impaciência.

— É você que parece não se importar. Júlia, meu amor, nós já falamos sobre isso muitas vezes antes de se tornar um tédio. A resposta é simples, você é que se recusa a aceitá-la. Foque sua mente em ser saudável. Deixe que sua vontade a cure. Você consegue tudo o que quiser com a força da sua mente.

— Acha que já não tentei, Calabah?

— Não com força suficiente, minha querida, ou estaria bem. Você deve focar seus pensamentos em si mesma todas as manhãs e meditar como lhe ensinei. Esvazie sua mente de tudo, exceto da percepção de que você é seu próprio deus e de que seu corpo é apenas o templo que você habita. Você tem poder sobre seu templo. Sua vontade será feita, Júlia. O problema é que você não tem fé. Você *precisa* acreditar. Se acreditar sem reservas, conseguirá tudo o que quiser.

Júlia desviou o olhar dos olhos escuros daquela mulher. Manhã após manhã, ela fazia exatamente o que Calabah dizia. Às vezes a febre chegava no meio da meditação, e ela tremia de fraqueza e náusea. Oprimida por uma sensação de desesperança, disse baixinho:

— Algumas coisas estão além da nossa vontade.

Calabah olhou para ela com desdém.

— Se você não tem fé em si mesma e em seus poderes, talvez deva fazer o que Primo sugeriu. Vá ao templo e faça um sacrifício. Quanto a mim, não tenho fé nos deuses. Tudo que consegui veio dos meus próprios esforços e do meu intelecto, sem a ajuda de nenhum poder invisível e sobrenatural. No entanto, se você realmente acredita que não tem poder dentro de si, Júlia, que recurso lógico lhe resta senão pegar emprestado em outro lugar o que necessita?

Após tantos meses de intimidade, Júlia ficou perplexa com o pouco-caso de Calabah, a insensível indiferença a seu sofrimento. Ela a observou comer mais um fígado de ganso e depois pedir a Eudemas água perfumada para lavar as mãos. A garota fez o que sua senhora lhe pediu, fitando Calabah com êxtase e adoração e corando quando os longos dedos cheios de joias acariciaram seu braço antes de dispensá-la. Júlia viu a especulação sombria nos olhos de Calabah enquanto observava a criada se retirar. Um leve sorriso predatório brincava nos lábios da experiente mulher.

Júlia ficou enjoada. Sabia que estava sendo traída diante de seus próprios olhos e que não havia nada que pudesse fazer a respeito, além de sentir o sangue ferver. Primo notou a cena que se desenrolava entre as duas, divertindo-se cruelmente ao perceber que Júlia o observava.

— O procônsul sempre vai aos harúspices para inquirir os deuses — disse ele, quebrando o silêncio sufocante. — Eles saberão se houver um surto de doença. Pelo menos você saberá se o que a aflige é algo ordenado pelos deuses.

— E como saber disso vai me ajudar? — ela retrucou com raiva.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(A Marca do Leão #2) Um Eco na Escurid..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).